

JILL SHALVIS

# ONDE MORA O CORAÇÃO

*Na adolescência, ele partiu seu coração. Agora, ela o vê de modo diferente. Será uma segunda chance?*



JILL SHALVIS

# ONDE MORA O CORAÇÃO

*Na adolescência, ele partiu seu coração. Agora, ele a faz vê-lo de modo diferente. Será uma segunda chance?*

Tradução:  
Fábio Alberti

 FARO  
EDITORIAL

**COPYRIGHT © 2016 BY JILL SHALVIS**  
**PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH AVON, AN IMPRINT OF HARPER**  
**COLLINS PUBLISHERS.**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer  
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**  
Preparação **LUIZA DEL MONACO**  
Revisão **GABRIELA DE AVILA**  
Capa e Diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**  
Imagem de capa **SVETIKD | ISTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Shalvis, Jill  
Onde mora o coração / Jill Shalvis ; tradução de  
Fábio Alberti. —São Paulo : Faro Editorial, 2019.  
304 p.

ISBN 978-85-9581-076-1  
Título original: The trouble with mistletoe

1. Ficção norte-americana I. Título II. Alberti, Fábio

19-0482 CDD-813.6

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção norte-americana 813.6

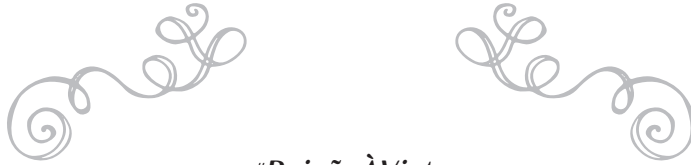


1ª edição brasileira: 2019  
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310  
Alphaville – Barueri – SP – Brasil  
CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868  
[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)



# 1



## #PaixãoÀVista

**O** sol havia acabado de despontar no horizonte e Willa Davis já estava cercada de cachorrinhos e de cocô, o que era comum para ela. Como proprietária do pet shop Companhia do Latido, ela passava a maior parte do seu tempo mimando, distribuindo petiscos, fazendo banho e tosa e distribuindo mais petiscos. Esse era um truque que ajudava na educação dos pets, como uma forma de gratificação e, quando necessário, de suborno.

Por isso, Willa sempre carregava essas iguarias. Assim, ela se tornava irresistível a toda e qualquer criatura de quatro patas dotada de faro. Era mesmo uma pena que ainda não tivessem inventado um petisco que a tornasse irresistível também às criaturas de *duas* patas do sexo masculino. Isso seria uma ajuda e tanto.

Por outro lado, ela havia resolvido tirar férias dos homens e, portanto, não precisava desse tipo de artifício.

— *Au au!*

O som veio de um dos cachorrinhos que ela estava dando banho. O filhote se esticou todo e deu uma lambida no queixo de Willa.

— Não adianta tentar me bajular — ela disse sem convicção e, incapaz de resistir à linda carinha do filhote, deu um beijo bem na ponta de seu focinho.

Uma de suas clientes regulares havia trazido seus diabinhos — quer dizer, seus filhotes de golden retriever — para tomarem banho.

Seis deles.

Ainda faltava mais de uma hora para que o pet shop abrisse, às nove da manhã, mas sua cliente a havia procurado em pânico porque os filhotes tinham rolado sobre cocô de cavalo. Só Deus sabe onde haviam encontrado cocô de cavalo na área de Cow Hollow, em plena São Francisco — talvez

algun desagradável monte deixado na rua por um cavalo da polícia —, o fato é que eles estavam imundos.

E, agora, Willa também estava.

Era possível controlar dois filhotes, até mesmo três. Mas lidar com seis ao mesmo tempo era uma tarefa insana.

— Certo, agora escutem aqui! — Ela disse para os filhotes que se debatiavam sem parar, na maior felicidade, na grande banheira da sua sala de banho e tosa. — Todos sentados!

Número Um e número Dois se sentaram. Número Três escalou os dois e sacudiu o corpinho rechonchudo, encharcando Willa.

Já os filhotes Quatro, Cinco e Seis com suas orelhas caídas sobre os olhos e suas caudas balançando furiosamente, resolveram tentar escapar da banheira, tateando e arranhando com suas patinhas e subindo um em cima do outro como se fossem artistas de circo.

— Rory? — Willa chamou em voz alta. — Estou precisando de uma mãozinha aqui. — Ou duas...

Nenhuma resposta. Sua funcionária, de vinte e três anos, provavelmente estava com seus fones de ouvido enterrados nas orelhas, com o som no máximo, ou então estava no Instagram e não queria perder nenhum post.

— *Rory!*

A garota finalmente pôs a cabeça para dentro da porta da sala, segurando o celular em uma das mãos, a tela estava iluminada.

Era mesmo o Instagram.

— Nossa, que merda! — Rory disse, arregalando os olhos. — Literalmente.

Willa abaixou a cabeça e olhou para si mesma. Seu avental e suas roupas estavam salpicados de água e espuma, e havia também algumas outras manchas suspeitas que poderiam indicar a presença de cocô de cavalo. Ela tinha quase certeza de que seu cabelo loiro avermelhado cortado em camadas estava todo bagunçado, lembrando uma explosão numa fábrica de travesseiros de penas de ganso. Ainda bem que ela não havia se maquiado para aquele atendimento de emergência; caso contrário, a maquiagem estaria escorrendo por todo o seu rosto.

— Me ajuda aqui!

Rory entrou em ação na mesma hora, alegremente, sem se importar em ficar suja ou em molhar sua roupa. Juntas, elas conseguiram retirar os filhotes da banheira, secá-los e colocar todos no cercado em vinte minutos. Todos caíram no mais profundo sono, um sono daqueles que só os bebês e os

bêbados podiam alcançar, com exceção do número Seis, que permanecia teimosamente desperto, escalando seus irmãozinhos em sua inabalável determinação de voltar para os braços de Willa.

Rindo, ela ergueu o pequenino. Suas perninhas se moviam no ar e o rabinho balançava descontroladamente numa velocidade estonteante.

— Sem sono, né? — Willa disse.

Ele esticou o focinho na direção dela, com a clara intenção de lhe lamber o rosto.

— Ah, não, nem pensar. Sei muito bem por onde andou essa língua.

Aninhando-o nos braços, ela carregou o cãozinho até a parte da loja onde ficavam os artigos à venda e o colocou em outro cercado com alguns brinquedos, visível para quem passasse pela rua.

— Agora fique aqui sendo fofinho e consiga alguns clientes para a loja, certo?

Saltitando alegremente, o filhote atacou um brinquedo e se engalfinhou com ele. Willa tratou de tomar as providências rotineiras para a abertura da loja, ligando as luzes ao longo do setor de vendas. A incrível quantidade de decorações de Natal que ela havia colocado uma semana antes rapidamente deu vida à loja, incluindo a iluminadíssima árvore natalina de dois metros de altura que fora instalada na parte da frente.

— Estamos só no primeiro dia de dezembro e o Natal já chegou com força total aqui — Rory disse parada na porta de entrada.

Willa olhou ao seu redor, contemplando a loja dos seus sonhos, que finalmente operava no azul... ao menos na maior parte do tempo.

— Sim, mas com classe. Não acha?

Rory correu os olhos pelos quilômetros de luzes natalinas e pela exuberante árvore de Natal, que devia ser mais decorada que qualquer outra na face da Terra.

— Ahn... sim, claro.

Willa ignorou o sarcasmo velado. Antes de mais nada, era preciso lembrar que Rory não vinha de um lar estável. E Willa também não. Para as duas o Natal havia sido sempre um luxo que em geral estava fora de alcance, assim como ter um teto para chamar de seu. Ambas lidavam com isso de modo diferente, cada uma à sua maneira. Rory não precisava da pompa da celebração do Natal.

Mas Willa precisava. Desesperadamente. Por isso levava muito a sério as festividades natalinas, mesmo agora, com vinte e sete anos de idade.

— Meu. Deus. Do. Céu! — Rory disse, olhando para o novo artigo à venda ao lado da caixa registradora. — O que são essas coisas? Tiaras com antenas em forma de pênis?

— Não! — Willa respondeu, rindo. — São tiaras com chifres de rena, e são feitas para cachorros.

Rory ficou olhando para ela sem dizer nada.

Willa fez uma careta.

— Certo, Rory, talvez eu tenha me empolgado um pouco e...

— Um *pouco*?

Willa deu uma risadinha e pegou uma das tiaras de rena. O objeto não lembrava um pênis para ela; mas fazia tanto tempo que ela não via um ao vivo e em cores que talvez fosse difícil julgar.

— Isso vai vender que nem água, pode acreditar.

— Ah, não, não ponha essa coisa na cabeça! — Rory disse, horrorizada. E foi justamente isso que Willa fez.

— O nome disso é marketing. — Willa olhou para cima para conferir a galhada que pairava sobre a sua cabeça. — Merda.

Rory deu um sorrisinho malvado e apontou para o pote dos palavrões que Willa havia colocado na loja para mantê-las na linha. Na verdade, o objetivo principal era manter a própria Willa na linha. Elas usavam o dinheiro reunido no pote para sustentar o vício em café e muffins.

— É, acho que esses chifres lembram um pouco penises. — Willa admitiu, enfiando um dólar no pote. — Ou seria... pênis mesmo? Qual é o singular de pênis?

— Pene? — Rory arriscou, e as duas caíram na gargalhada.

— Dá para perceber que estou precisando *demais* da cafeína da Tina — Willa disse, depois de se recompor.

— Vou até lá — Rory respondeu. — Eu vi quando ela entrou no pátio, logo no começo do dia, usando tênis de cano alto e o cabelo apontando para as nuvens. Ela parecia ter, tipo, dois metros e meio de altura.

Tina costumava ser Tim algum tempo atrás, e todos no boêmio prédio histórico de cinco andares do Pier 39 gostavam de Tim — mas *amavam* Tina. Tina era demais.

— O que você quer que eu traga? — Rory perguntou.

Os cafés de Tina tinham temas e Willa sabia bem do que precisava para enfrentar aquele dia.

— Quero um da linha “Está muito cedo pra pensar nas contradições da vida”. — E então ela puxou mais algumas moedas de seu bolso. Elas vieram

acompanhadas por um punhado de petiscos para filhotes que caíram e se espalharam pelo chão.

— Não consigo entender porque você não consegue namorar. — Rory disse, irônica.

— Não é que eu não *consiga* — Willa corrigiu. — Eu não quero namorar. Tenho dedo podre para homens. E não sou a única, né?

Rory suspirou, reconhecendo a verdade dessa declaração. Suas sobranças se ergueram ao ouvir o estômago de Willa, que roncava tão alto quanto o som de um trovão.

— Tudo bem, pode me trazer um muffin também. — Tina fazia os melhores muffins do planeta. — Não, me traga dois. Pensando bem, três. Não, espere. — Tinha sido difícil abotoar sua calça jeans naquela manhã. — Diabos, três muffins seriam basicamente tudo o que eu posso consumir de calorias em um dia. Um só basta — ela disse, decidida. — Um muffin para mim, e pegue um de mirtilo, porque aí pode contar como uma porção de frutas.

— Certo, entendi. Um café, um muffin de mirtilo e uma camisa de força para acompanhar.

— Rá rá, que engraçadinha você é. Melhor dar logo o fora antes que eu mude o meu pedido de novo.

O pet shop tinha duas portas: uma para a rua e outra para o pátio do prédio, com suas paredes de pedras e a velha fonte. Sempre que passava pela fonte, Willa atirava uma moeda e fazia o mesmo pedido: encontrar o verdadeiro amor.

Rory caminhou na direção da porta que levava ao pátio.

— Ei — Willa chamou. — Se sobrar algum trocadinho, pode jogar uma moeda na fonte para mim?

— Então você decidiu fazer um embargo a todos os homens, mas ao mesmo tempo ainda deseja encontrar o verdadeiro amor?

— Sim. Apenas faça isso, por favor.

— Tudo bem, a moedinha é sua. — Rory balançou a cabeça. Ela não acreditava em nada disso e não estava disposta a desperdiçar nem um centavo com desejos, mas atenderia ao pedido de Willa.

Quando ela se foi, o sorriso de Willa murchou. As três funcionárias que trabalhavam em sua loja eram jovens e tinham uma coisa em comum...

Elas haviam sido mastigadas e cuspidas pela vida ainda com pouca idade e acabaram sozinhas e desamparadas.



Como Willa já estivera em situação parecida, ela ajudava essas garotas, oferecendo-lhes um emprego e dando conselhos que elas ouviam apenas metade das vezes.

Mas Willa acreditava que 50% era melhor do que 0%.

Sua contratada mais recente era Lyndie, de dezenove anos, ainda um pouco rebelde — mas elas estavam cuidando disso. Também havia Cara, que já era sua funcionária fazia um bom tempo. Rory era a funcionária mais antiga. Embora aparentasse firmeza, a garota ainda tinha problemas. Prova disso eram as marcas ainda visíveis de um hematoma em sua mandíbula, resultado de uma agressão que sofrera do seu ex-namorado.

Willa ficava brava só de pensar nisso. Às vezes, ela ficava imaginando maneiras de se vingar do sujeito. Um dos seus castigos preferidos era cortar fora as bolas dele com uma faca cega. Mas isso ficava apenas no terreno da fantasia, já que ela não tinha vontade de ir para a cadeia.

Rory merecia coisa melhor. Ela aparentava ser durona, mas por dentro era uma manteiga derretida, e fazia tudo por Willa. Era comovente, mas também uma grande responsabilidade, porque Rory tinha Willa como um modelo a ser seguido.

E aquela era uma responsabilidade assustadora, para dizer o mínimo.

Ela foi checar o cãozinho número Seis, que finalmente dormia, com a barriga para cima e as perninhas bem afastadas.

Então, ela foi checar os irmãozinhos dele. Todos dormiam. Sentindo-se como uma mãe de sêxtuplos, se afastou na ponta dos pés e foi até a parte da frente da loja e abriu seu laptop, se preparando para fazer o inventário dos novos suprimentos que havia recebido na noite anterior.

Willa estava ajoelhada, conferindo quatro sacos de ração para pássaro, quando alguém bateu na porta da frente.

Havia um homem parado do outro lado da porta de vidro, de cara fechada e com uma expressão que demonstrava muita atitude. Ele era muito atraente, com um ar pensativo e... espere um pouco. Havia algo de familiar nele, o suficiente para que os pés dela a impulsionssem para a frente por pura curiosidade. Quando chegou perto da porta ela parou, imóvel, com o coração ameaçando sair pela boca.

— Keane Winters! — ela murmurou. Naquele momento, ela estava olhando para o único homem do planeta que podia fazê-la sentir-se ao mesmo tempo contrariada e satisfeita com sua decisão de desistir dos homens.

Na verdade, se tivesse desistido deles mais cedo, mais precisamente no primeiro ano do ensino médio, quando Keane a deixara plantada esperando num baile, Willa teria evitado muita dor de cabeça.

No outro lado da porta, Keane empurrou seus óculos escuros espelhados para o topo da cabeça, revelando seus olhos cor de chocolate. Willa sabia bem que os olhos dele podiam ser encantadores quando ele se sentia feliz ou podiam se tornar gelados se as coisas não estivessem bem.

E os olhos dele estavam gelados agora.

Quando percebeu que ela o havia visto, Keane ergueu uma caixa de transporte para gatos. Uma deslumbrante caixa cor-de-rosa.

Ele tinha um gato.

Ao perceber esse detalhe, Willa desejou profundamente ser mais compreensiva, porque de algum modo isso deveria significar que ele era um cara legal.

Por sorte, o cérebro dela entrou em ação e a fez lembrar de cada detalhe do que havia acontecido muito tempo atrás. Ela se recordou de ter pedido um vestido emprestado para uma das garotas de sua classe, para poder usar no baile, e da forma como a menina zombou dela; também se recordou de ter implorado à sua mãe adotiva para que a deixasse ir ao evento. Além disso, se lembrou perfeitamente de que havia saído cedo para ir ao baile e teve de ficar sem comer nada até voltar para casa, pois não tinha um centavo para comprar um mísero salgado.

— Estamos fechados — ela disse, diante da porta de vidro que ainda estava trancada.

Nem uma palavra saiu dos lábios de Keane. Ele simplesmente levantou mais um pouco a caixa, como se fosse um presente de Deus.

E ele de fato era um presente de Deus. Ou havia sido, na época da escola.

Desejando ter ingerido um pouco de cafeína antes de ter que lidar com uma situação como aquela, Willa deu um passo à frente e levou a mão à maçaneta, irritada consigo mesma por não conseguir desviar seu olhar do dele enquanto destrancava e abria a porta. Ela repetia para si mesma que ele era um cliente como outro qualquer. Um cliente que havia arruinado a vida dela como se não significasse nada, sem nem ao menos pedir desculpa.

— Bom dia — ela disse, determinada a ser educada.

Ele não deu o menor sinal de tê-la reconhecido, nem mesmo piscou, e Willa descobriu algo ainda mais perturbador do que a visão daquele homem parado à sua porta.

O fato de que ela havia sido tão descartável que Keane nem mesmo se lembrava dela.

— Nós só abrimos às nove. — Ela falou com seu tom de voz mais agradável, embora um leve toque de “dane-se você” *possa ter* ficado implícito.

— Eu preciso estar no trabalho às nove — ele respondeu. — Eu queria hospedagem para uma gata.

Keane sempre havia sido grande e intimidador. Era o que fazia dele um atleta tão eficiente. Ele brilhava no campo de futebol, na quadra de basquete e *também* no campo de beisebol. Era a trinca perfeita, o pacote completo.

Todas as garotas do colégio — e um bom número de professoras também — haviam passado uma vergonhosa quantidade de tempo observando aquele pacote.

No entanto, assim como havia desistido dos homens, fazia um bom tempo que Willa tinha desistido de pensar naquela época da escola, sem dúvida os piores anos da sua vida. Enquanto Keane passava seus dias quebrando recordes e conquistando corações, ela lutava para não ser esmagada pelas pressões da escola e do trabalho, sem mencionar a mera batalha diária pela sobrevivência.

Ela entendia que não era culpa de Keane que as lembranças que tinha daquele tempo fossem tão horríveis. E também entendia que não era culpa dele que todas essas recordações tivessem voltado à sua mente assim que pôs os olhos nele. Mas não se pode esperar que emoções sejam lógicas.

— Peça que me desculpe — ela disse —, mas não há vagas para hoje.

— Eu pago o dobro do preço.

Ele tinha uma voz única... Talvez fosse apenas a sua imaginação, mas ela estava se esforçando para digerir o fato de que Keane continuava o mesmo, mas ainda assim estava mudado. Ele continuava alto, é claro, e *que inferno*, continuava incrivelmente sexy. Ombros largos, cintura estreita e bíceps que esticavam a manga da camisa.

Uma calça jeans desbotada e rasgada cobria suas pernas e ele calçava botas. Sua única concessão ao inverno de São Francisco era uma camiseta de manga comprida que valorizava todos seus músculos, tão bem definidos que pareciam convidá-la, como se as palavras “ME MORDA” estivessem gravadas em letras gigantes no peito dele.

Willa não iria negar nem mentir para si mesma: Ela queria isso. *Muito*.

Ele ficou ali, de pé, esbanjando masculinidade — não que ela ligasse muito para isso. E também não ligava para a expressão no rosto dele, que indicava que talvez seu dia tivesse sido ruim.

*Sou especialista em dias ruins. Bem-vindo ao meu clube*, ela pensou, para logo em seguida se censurar. Ninguém entraria em seu clube. Ela havia

erguido muros em torno de si mesma. Era como a Suíça: neutra. Não trocava olhares ardentes e nem promessas com ninguém.

Ponto-final.

*Principalmente* com Keane Winters. De qualquer maneira, ela não contava com um serviço de hospedagem para animais aberto ao público em geral. Era verdade que às vezes ela costumava fazer isso como um favor especial para clientes, mas ela não tinha espaço suficiente para oferecer hospedagem oficialmente. Hospedar um animal significava ter que levá-lo para sua própria casa durante a noite, e por isso tinha de ser extremamente seletiva.

E homens bonitos que, no passado, foram garotos ruins a ponto de desprezar grosseiramente garotas tímidas que haviam reunido todo o seu estoque de coragem para pedir a eles uma dança... Bem, esse tipo de homem definitivamente *não* se encaixava nos critérios dela.

— Eu não hospedo animais, e... — Willa começou a falar, mas foi interrompida por um horrível uivo vindo de dentro da caixa de transporte cor-de-rosa.

No mesmo instante ela estendeu a mão para pegar a caixa, e Keane a entregou prontamente, exibindo uma engraçada expressão de alívio.

Virando as costas para ele, Willa levou a caixa até o balcão, sabendo muito bem que Keane a seguia, movendo-se com inesperada leveza para um sujeito tão grande.

A gata agora uivava sem parar. Então Willa rapidamente abriu a caixa imaginando que o animal dentro dela estivesse morrendo, dado o grau de infelicidade que transmitia.

Os miados pararam imediatamente e uma enorme gata siamesa piscou seus expressivos olhos azuis para Willa. Ela tinha uma pelagem bege, mas as orelhas e patas tinham cor escura.

— Vejam só que coisa mais linda — Willa disse com voz suave, deslizando as mãos delicadamente para dentro da caixa.

A gata permitiu ser levantada e, empurrando o rosto contra a garganta de Willa, esboçou uma carícia de gratidão.

— Own... — Willa gemeu, encantada. — Está tudo bem agora, eu estou com você. Você odeia ficar lá dentro, não é?

— Agora virou a criatura mais doce do mundo — Keane disse olhando para a gata, com as duas mãos na cintura. — Está de brincadeira comigo?

— Quê?

— Minha tia-avó está doente e precisa de ajuda — ele informou, com a expressão séria. — Ela deixou a gata comigo na noite passada.

Ponto para ele. Era um belo gesto.

— No minuto em que a minha tia Sally foi embora — Keane prosseguiu —, essa criatura enlouqueceu.

Willla olhou para a gata que, por sua vez, a fitou com uma expressão calma, serena, quase angelical.

— Mas o que foi que ela fez?

— O que foi que ela *não* fez! Essa seria a pergunta mais correta. Ela se escondeu debaixo da minha cama e rasgou todo o meu colchão. Então ela atacou todas as coisas que estavam nas minhas mesas, derrubando tudo no chão. Destruíu meu laptop, meu tablet e meu telefone de uma só vez. E depois ela... — Keane fez uma pausa e engoliu em seco.

— O quê?

— Fez um cocô enorme em cima dos meus tênis de corrida favoritos.

Willla fez um enorme esforço para não cair na gargalhada e dizer “boa menina”. Levou um bom minuto para que conseguisse recuperar o foco.

— Talvez ela esteja irritada por estar longe de casa, e sentindo falta da sua tia. Gatos não gostam de mudanças, são criaturas de hábitos. — Ela falava com Keane sem desviar os olhos da gata, pois não queria fitar aqueles olhos negros e encantadores que não a haviam reconhecido. Se fizesse isso, ela poderia ficar tentada a pegar uma das tiaras expostas no balcão e usá-la para martelar a cabeça dele.

— Como ela se chama? — Willla perguntou.

— Petúnia, mas eu resolvi chamá-la de Pê. Pê de pentelha, não de Petúnia.

Willla acariciou as costas da gata e Petúnia empurrou o corpo contra a mão dela, incentivando-a a continuar. Um baixo e profundo ronronado ecoou pela sala e os olhos de Petúnia lacrimejaram de prazer.

Willla continuou a mimá-la. Keane suspirou, sem acreditar na cena.

— Inacreditável — ele disse. — Você está usando erva-de-gato como perfume, né?

— Você acha que esse é o único motivo pelo qual ela gostaria de mim?

— Willla comentou, erguendo as sobrancelhas.

— Sim.

Se era assim, tudo bem. Willla abriu a boca para colocar um fim naquela conversa e dizer que não iria ajudá-lo, mas então olhou para os olhos azuis de Petúnia, e sentiu um aperto no coração. *Que droga!*

— Tudo bem — ela cedeu, a contragosto. — Se você puder comprovar que Petúnia tomou a vacina contra raiva e a polivalente, posso ficar com ela hoje.



— Obrigado — Keane disse, num tom de voz tão sincero que a fez olhar diretamente para ele.

Um grande erro.

Seus olhos negros agora haviam adquirido um tom acolhedor, como o de chocolate amargo derretido.

— Queria perguntar uma coisa.

— Sim? — Ela disse com cautela.

— Você sempre usa essas tiaras pornô?

Willa levou imediatamente as mãos à cabeça. Ela havia se esquecido totalmente da tiara com enfeite de pênis que estava usando.

— Você está se referindo à minha tiara com chifres de rena?

— Chifres de rena, é?

— Isso mesmo.

— Como você quiser.

Ele estava sorrindo agora, e é claro que tinha um sorriso irresistível. Era inacreditável, mas o seu corpo estava respondendo aos encantos dele, claramente insistindo em burlar a sua decisão de barrar os homens. Especialmente *esse* homem.

— A propósito, meu nome é Keane — ele informou. — Keane Winters.

Ele olhou para Willa, certamente esperando que ela lhe dissesse seu nome também; mas agora ela estava diante de um dilema. Se dissesse seu nome a Keane e ele a reconhecesse, ele também se lembraria quão patética ela fora no passado. E se ele *não* a reconhecesse, isso significaria que ela era ainda mais insignificante do que pensava e ela acabaria jogando a tiara de pênis nele por causa disso.

— E você é...? — ele perguntou, um pouco surpreso diante do silêncio dela.

Diabos. *Bem, não posso fazer nada, é agora ou nunca*, ela pensou.

— Willa Davis — ela disse, ansiosa.

Mas não houve absolutamente nenhuma mudança na expressão dele. Sim, ela havia sido insignificante para Keane. Esse pensamento a fez cerrar os dentes de raiva.

— Obrigado de verdade por fazer isso por mim, Willa.

A necessidade de falar a obrigou a destravar a mandíbula.

— Não estou fazendo isso por você. Estou fazendo pela Petúnia. E você precisa voltar para pegá-la antes do horário de fechar.

— Fechado.

— Só temos de resolver mais alguns detalhes — Willa disse. — Preciso de um número de telefone para contato, de dados da sua carteira de motorista e... preciso também saber onde você cursou o ensino médio. — Ela mal podia acreditar que havia feito essa pergunta, mas não podia resistir: queria refrescar a memória dele.

— O ensino médio? — Ele arqueou as sobrancelhas.

— Sim. Informação nunca é demais, e a gente nunca sabe o que pode vir a ser importante.

Keane reagiu ao pedido com bom humor.

— Contanto que eu não tenha de usar essa tiara, pode me pedir todas as informações que quiser, Willa.

Cinco longos minutos depois, ele havia respondido o formulário após ter ligado para sua tia, aparentemente sem que suas lembranças a respeito de Willa dessem sinal de vida. Depois ele olhou uma última vez para a gahada de rena na cabeça dela, também conhecida como tiara de pênis, deu uma risadinha e saiu pela porta.

Willa ainda estava observando-o ir embora quando Rory se aproximou e parou ao lado dela, bebendo tranquilamente o seu café e entregando o de Willa.

— Nós estamos olhando para a bunda desse cara? — Rory quis saber.

Sim, e para o desgosto de Willa, era a melhor bunda que ela já tinha visto em toda a sua vida. Aquilo era tão injusto! Será que ele não poderia ao menos ter um pouco de gordura nas laterais do corpo?

— De jeito nenhum.

— Pois eu acho que a gente deveria, porque *uaaaau!* Tudo de bom.

— Ele é velho demais pra você.

— Tem trinta anos. Que foi? — ela disse, quando Willa a fitou com cara de espanto. — A cópia da carteira de motorista dele está bem aqui, em cima do balcão. Eu fiz as contas, isso não é nenhum crime. E de qualquer modo você tem razão, ele é velho. Velho *mesmo*.

— Você sabe que eu sou apenas alguns anos mais nova do que ele, né?

— Você também é velha — Rory disse, empurrando o ombro de Willa com o seu, gesto que equivalia a um grande e apertado abraço.

— E só para constar — a garota continuou —, eu estava reparando naquela bunda para *você*.

— Então tá — Willa retrucou. — Nem o diabo em pessoa poderia obrigar o meu cadáver a sair com aquele cara, mesmo que ele seja super

gostoso. Eu desisti dos homens, está lembrada? Agora é isso o que eu sou: uma mulher que não precisa de um homem.

— Você é uma mulher teimosa, muito teimosa, que tem amor pra dar e vender, mas no momento parece mais uma galinha medrosa. Se você quiser deixar as más decisões que tomou no passado dominarem a sua vida e viver como uma freira, é só continuar exatamente como está.

— Caramba — Willa disse com um tom seco. — Obrigada.

— Não tem de quê. Mas eu me reservo o direito de questionar o seu QI. Ouvi dizer que a gente perde pontos no QI quando envelhece. — Ela sorriu docemente. — Talvez fosse melhor você começar a tomar uns suplementos ou coisa parecida. Quer que eu saia para comprar um frasco?

Willa jogou a tiara nela, mas Rory conseguiu se abaixar a tempo.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



Há um grande número de portadores do vírus  
HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e  
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
GRÁFICA KUNST EM MAIO DE 2019